



UNICAMP

P09.36

EVENTO: Ópera "Narcissus"
Beat Furrer / Gerald Thomas

VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO

DATA: 01 de outubro de 1994

PÁGINA: 5 - 6

SEÇÃO: ILUSTRADA



O diretor teatral e dramaturgo carioca Gerald Thomas

Octávio Dias de Oliveira

Thomas estreia ópera cômica

'Tracing Narcissus' abre festival austríaco criticando narcisismo na arte atual

LUÍS ANTÔNIO GIRON

Da Reportagem Local

A ópera cômica "Tracing Narcissus" (Traçando Narciso), do diretor de teatro e dramaturgo carioca Gerald Thomas e do compositor suíço Beat Furrer, abre hoje o festival Outono da Estíria (Steirischer Herbst), na Áustria.

O evento se dedica à arte de vanguarda e é um dos mais impor-

tantes da Europa. Fundado em 1968, foi ali que em 1976 estreou a ópera "Einstein on the Beach", de Philip Glass, com montagem de Bob Wilson. Ele acontece durante o mês de outubro em Graz, capital da Estíria, província no sul da Áustria.

O festival se dá em vários locais da cidade (com 350 mil habitantes), que tem como norma produzir espetáculos inéditos, com dinheiro

do Estado. Nesta temporada, acontece a estreia da versão ampliada da "Sinfonia nº 3", do compositor polonês Henryk Górecki, a peça "Drei Aus Drei Generationen" (Três de Três Gerações), do diretor alemão Lothar Fischer, e a peça "Protokol", do compositor norte-americano Morton Feldman, baseada em textos do dramaturgo irlandês Samuel Beckett.

"Tracing Narcissus" é a tercei-

ra ópera com libreto e direção de Thomas. Antes foram "Mattogrosso" (Rio e SP, 1989), com música de Philip Glass, e "Perseu e Andromeda" (Stuttgart, 1991), musicada por Salvatore Sciarrino.

O custo da produção de "Narciso" está em US\$ 1,3 milhão. Segundo Thomas, trata-se de sua empresa mais ambiciosa.

A ópera dura uma hora e 45 minutos. Envolve três cantores, um coro de oito pessoas e uma orquestra de 40 músicos, regida pelo compositor. O espetáculo será amplificado.

A partitura utiliza elementos de música concreta. O libreto pretende ser uma paródia dos últimos 20 anos da arte contemporânea, marcada, segundo o diretor, pelo narcisismo.

"É também uma autoparódia e uma crítica à idéia de instalação", diz. "Narciso interferiu na arte do século 20 até virar um exagero nos últimos 20 anos. Hoje a arte fornece elementos àqueles que afirmam que tudo o que é moderno é louquinhão. A arte precisa de uma lavagem narcisista."

O Narciso de Thomas se substancia em dois homens (um barítono falante e um tenor, o alemão Hannes Hellmann e o norte-americano Eugene Procter) grudados pelas costas.

"São xifópagos dependentes um do outro", explica o diretor. "Miram-se num riacho poluído e rejeitam a mulher que os ama, Eco". O papel feminino é feito pela mezzo-soprano romena Rucksandra Dörmörscher.

No palco, quadros idênticos brigam pela luz de um museu. Uma instalação mostra um toureiro tentando atirar um touro morto. "Essa impotência é a própria essência da estética da instalação", diz Thomas. Narciso tenta se ver na água e só enxerga latas de Coca Cola e detritos industriais.

Na quinta-feira, a gravadora alemã Deutsche Grammophon registrou o último ensaio geral da ópera para lançá-la em CD no ano que vem. Entre os planos de Thomas está dirigir, em 1995, no Outono da Estíria, as óperas "Doutor Fausto", de Ferruccio Busoni, e, em Praga, "Zaide", de Wolfgang Amadeus Mozart.

"Tracing Narcissus" volta à cena em Nova York e no Festival de Viena, no ano que vem.